

O Rio de Janeiro em uma trilogia de Lúcio Cardoso

Profª Drª Cássia dos Santos¹ (METROCAMP)

Resumo:

*Mais conhecido como criador da **Crônica da casa assassinada** e de vários outros livros cuja ação transcorre na província, Lúcio Cardoso concebeu um ciclo de novelas totalmente ambientado no Rio de Janeiro. Formado por **Inácio** (1944), por **O enfeitiçado** (1954) e por **Baltazar** (2002), o ciclo recebeu o título de **O mundo sem Deus**. Para seus personagens, Lúcio escolheu os seres que compunham o submundo da grande cidade: malandros, golpistas, cartomantes, prostitutas, viciados e traficantes, que circulavam pelas ruas, pensões, bares e antros sobretudo da Lapa e do Catete. O Rio de Janeiro que emerge das páginas dessa trilogia pode surpreender os que têm de Lúcio Cardoso a imagem de um autor visceralmente "mineiro". Uma leitura cuidadosa e que considere o texto feito por ele para **10 romancistas falam de seus personagens** mostra, porém, que muito do interesse dessas obras resulta justamente da familiaridade do novelista com o universo que retrata.*

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, literatura brasileira, crítica literária.

Em 1944, pela pequena editora Ocidente do escritor Adonias Filho, Lúcio Cardoso publicava sua terceira novela, intitulada *Inácio*. Com ela, o autor retomava o foco narrativo em primeira pessoa que empregara apenas no romance de estréia — *Maleita*, de 1934 — e, abandonando o espaço da província, que privilegiara em quase todas suas obras anteriores, elegia como cenário o Rio de Janeiro.

Deixando de lado os conflitos desenrolados nas "velhas residências patriarcais que iam se desmantelando em fazendas comidas pelas hipotecas" (CARDOSO, 1971. p. 35-36) e os dramas dos membros de pequenas famílias burguesas que se sentiam asfixiar pela monotonia e silêncio dos vilarejos, no novo livro o escritor dedicava toda sua atenção aos habitantes da então capital do país. Seu olhar, contudo, não se detinha sobre todos, em uma visada ampla e abrangente: privilegiava, ao contrário, os seres que integravam o submundo da metrópole.

Entre eles, a figura do protagonista Rogério Palma poderia parecer, em princípio, destoante, visto que sua juventude — tinha somente dezenove anos — e sua condição de estudante não deveriam habilitá-lo a contracenar com os mais refinados malandros, golpistas, prostitutas e outras pessoas de moral questionável. À medida que a narrativa prossegue, no entanto, e o leitor vai acompanhando com uma certa dificuldade os fatos amarrados na trama, esse percebe que Rogério não poderia circular em um ambiente diverso daquele em que se encontrava.

Vagando pelas ruas, avenidas, bares e cabarés sobretudo da Lapa, do Catete e da Cinelândia, acometido pela febre que, em certos momentos, o prende ao leito e embriagando-se para ter coragem de buscar informações necessárias à recomposição do próprio passado, Rogério é um narrador que não esclarece muito da própria história. Somente quase no desfecho do livro compreende-se, portanto, que ele nada mais empreendera do que uma busca desesperada ao pai ausente — o Inácio que empresta o nome à novela —, tentando entender o que causara a dissolução de sua família.

O fim do casamento dos pais, a sua separação e os motivos que levaram sua mãe, Stela, a prostituir-se, embora não de modo regular, apenas "de vez em quando ao lhe subir a loucura mais fortemente" (CARDOSO, 2002. p. 117), são-lhe apresentados em versões diferentes, que se sobrepõem e contradizem. Confuso, desorientado, Rogério não consegue oferecer uma visão conclusiva dos fatos, se bem que termine convencido da grande responsabilidade do pai em todo o ocorrido. De

resto, mal restabelecido da pneumonia que o debilitara, tendo vertigens e sentindo assaltar-lhe, por vezes, o início de um delírio, o protagonista parece semear mais dúvidas do que certezas com a sua narração. Nos dois últimos parágrafos da novela, finalmente, ao explicar que já se achava há três anos em um sanatório, ele revela que havia enlouquecido, o que permite atribuir uma nova dimensão ao seu relato.

A opção de Lúcio Cardoso por esse narrador em primeira pessoa representa um ganho considerável para a obra. Ainda que rememore episódios já ocorridos e dos quais tem pleno conhecimento, Rogério o faz revivendo-os na seqüência cronológica em que haviam acontecido, sem antecipar nenhum fato. Além disso, tudo que o abatera na época — a febre, as vertigens, os desmaios, todo seu desequilíbrio físico e emocional, enfim — acaba por se imiscuir em sua narrativa, comprometendo a sua clareza.

Se tais dados contribuem significativamente para acentuar o caráter enigmático do personagem Inácio, também conferem a vários trechos da novela um clima alucinatório. Vista pelos olhos de Rogério, a cidade do Rio de Janeiro pode adquirir, assim, uma feição por vezes caótica, por vezes sinistra. Depois de avistar-se com Lucas Trindade, o antigo companheiro de sua mãe, na noite da morte dessa, o protagonista o segue até um beco na Lapa. Atravessam, no trajeto, diz ele,

alguns quarteirões, eu um pouco ofuscado pelos letreiros luminosos, esbarrando nas pessoas que àquela hora já começavam a rondar a Lapa, seres magros, angulosos e flácidos, que assumiam aspectos assustadores à projeção misteriosa do gás neon. (CARDOSO, 2002. p. 49).

Particularmente sensível à atmosfera do ambiente em que vive e por onde perambula, Rogério julga-se afetado pela sua permanência na Lapa. Morando sozinho em um quarto de pensão e irritado com as tentativas de sua senhoria, a Duquesa, para conquistá-lo, pensa que deveria comprar um jornal para encontrar um novo endereço: "o que tinha me adoecido", acredita ele, "era aquele ar pestilento e viciado que exalavam a Lapa e suas redondezas." (CARDOSO, 2002. p. 18) Daí o seu desejo de transferir-se para o Flamengo ou para Botafogo e, também, a iniciativa de comprar roupas, chapéu e sapatos novos para exibir-se em caminhadas no Passeio Público e na Cinelândia, tentando libertar-se da vida mesquinha que imaginava ter levado até então.

Às menções do personagem à decadência e sordidez da Lapa, vêm se somar, no segundo volume do ciclo, referências a locais ainda mais abjetos da cidade. Com *O enfeitiçado*, novela datada de 1947, mas publicada somente em dezembro de 1954 pela José Olympio, Lúcio Cardoso escolhia Inácio Palma como narrador-protagonista e, invertendo as posições, fazia-o andar em busca do filho que, antes, tanto o procurara.

Treze anos transcorreram desde os acontecimentos contados na primeira história. Sabe-se, logo de início, que Inácio está registrando em um velho caderno o que vivenciou recentemente, lembrando tudo que passou desde que tomou a decisão de reencontrar Rogério. Para isso, pede ajuda a Lina de Val-Flor, a cartomante mais famosa do Rio de Janeiro, que aceita a tarefa, delegando-a a um homem de sua confiança, o Sargento. A cartomante também lhe faz uma proposta: oferece-lhe sua própria filha, Adélia de Val-Flor, por companheira, em troca de dinheiro.

O protagonista, a partir de então, emprega seu tempo em passeios com a jovem e em voltas pelos bares e antros da Lapa, na vã esperança de rever o filho. Baseando-se na informação dada por Lina de que alguém com a descrição desse fora visto na Gamboa, amplia o raio de suas investigações, estendendo-a a esse bairro, ao centro e à Saúde. Dias depois, acompanhado pelo Sargento, visita a primeira das duas casas de venda e consumo de tóxicos que Rogério freqüentava:

Vejo de novo a rua estreita e imunda em que caminho, enquanto minha sombra resvala nas lajes escuras das fachadas — ouço ainda os risos que enchem o ar, a fumaça que vem dos bares sórdidos, toda a vida desse pequeno mundo que flui e reflui aos pés da noite. Agora, uma tabuleta iluminada se recorta aos meus olhos:

"Hotel da Lanterna". É uma porta estreita, que desce para um porão escuro e úmido, onde há compartimentos divididos por paredes de chita desbotada. Não me resta nenhuma dúvida sobre de que se trata: um desses hotéis clandestinos, para fumadores de ópio ou cocaína. Na semipenumbra onde vigia um gerente sentado junto a um *bureau*, percebo alguns vultos que transitam — alguns fantasmas —, enquanto de um ou outro compartimento gemidos e suspiros se elevam. No fundo do corredor, por detrás de uma cortina esburacada, vejo surgir de repente uma figura impressionante: é um rosto chato, intensamente pálido, onde dois olhos miúdos, vivos, examinam tudo com assustada curiosidade. Ao me ver, o homem que se achava evidentemente sentado, levanta-se, suspende a cortina — percebo então que se trata de um padre, que aos meus olhos atônitos ainda conserta a batina desalinhada e suja. Não há nenhum acanhamento nos seus gestos, antes me fita com insolência, ajeitando a roupa com calma, os dedos finos correndo ao longo das pregas que descem até o chão empoeirado. Em certo momento, como ele se voltasse em direção ao *bureau* do gerente, percebi que trazia na face esquerda uma enorme cicatriz, profunda e recente, um talho a navalha que lhe desfigurava completamente a expressão do rosto. (CARDOSO, 2002. p. 222-223).

No "Bar da Europa", por fim, em que "o ar engordurado e nauseabundo como que transmite às faces e aos objetos um cansaço extremo, mortal" (CARDOSO, 2002. p. 224), defronta-se com Rogério, que demonstra uma total repulsa por ele, abandonando o lugar. Esgotada a chance de se reconciliar com o filho, Inácio termina por aceitar a proposta de Lina, muito embora não dispusesse do dinheiro pedido por ela por Adélia. Convida a moça para um passeio, durante o qual vão ao Outeiro da Glória e a uma feira livre, para depois jantarem em um restaurante e irem a um botequim próximo à Central do Brasil. Iludida pela própria inocência, a jovem é embriagada e, sem opor resistência, é conduzida por Inácio ao quarto de pensão em que residia.

Seduzida por ele, Adélia desperta no dia seguinte e, ao se dar conta do ocorrido, chora de raiva e de humilhação. Desprezando o seu pedido de casamento, parte dizendo nunca mais querer vê-lo. Sentindo-se mal, julgando-se enfeitiçado, Inácio permanece em seu quarto, onde, pouco depois, se deixa encurralar pelo Sargento, de vigia na porta da pensão. Condenado a matar-se, encerra seu relato fitando a corda com a qual deveria dar cabo de sua vida.

Não tão bem-sucedida quanto a primeira novela da trilogia, *O enfeitiçado* se ressentia de algumas falhas. Os pensamentos e desejos manifestos pelo protagonista, entrando em desacordo com a imagem que fora projetada dele no livro anterior, mostravam-se, por vezes, pouco convincentes. Se se patenteava com isso uma deficiência na construção do personagem, o problema não chegava a prejudicar as descrições dos novos ambientes incluídos na obra: às pensões, bares, cabarés e casas de jogo já existentes em *Inácio*, vinham se somar os locais de venda e consumo de drogas, retratados admiravelmente por Lúcio Cardoso.

O universo dos drogados deveria reaparecer na última narrativa do ciclo, *Baltazar*, que ficou inacabada, mas da qual restaram capítulos de duas diferentes versões entre os papéis do escritor mineiro. Doados juntamente com outros originais, cartas, documentos e textos ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, os fragmentos subsistentes da novela foram editados em 2002 em um volume que reuniu, ainda, *Inácio* e *O enfeitiçado*.

Em coerência com o foco narrativo empregado nos volumes precedentes, em *Baltazar*, o ficcionista adotava novamente a narração em primeira pessoa, concedendo a palavra a Adélia de Val-Flor, a protagonista. Após seu envolvimento com Inácio, a moça passara a ganhar a vida como prostituta, saindo da casa materna para morar em uma pensão perto dos Arcos da Lapa.

O enredo deveria centrar-se no seu relacionamento com dois homens muito diferentes: Baltazar Leivas, um jogador de cartas, e Basílio da Luz, um industrial nortista, chamado, também, de Abelardo de Lima em capítulos de uma das versões. Desgostosa com a própria existência, Adélia decidiria suicidar-se, após ter contemplado, na rua, um desconhecido que havia sido atropelado.

Salva pelo industrial, que a viu tomar pílulas para dormir e cair desacordada no saguão do ponto das barcas para Niterói, ela retomaria sua vida depois de receber alta do hospital, se bem que não quisesse mais se prostituir. Seria apresentada, então, a Baltazar, em quem reconheceria o desconhecido do atropelamento. Ele a procuraria em seu quarto, demonstrando interesse por ela. Assediada, também, por Basílio da Luz, que pretendia lhe montar um "apartamento bom, na Urca, bem mobiliado e discreto" (CARDOSO, 2002. p. 343), onde poderiam ter seus encontros, Adélia se manteria, a princípio, dividida entre os dois.

Os planos deixados por Lúcio Cardoso para o livro, transcritos no volume, evidenciam que a protagonista se envolveria com ambos: apaixonaria-se por Baltazar, resistindo a todos os esforços de Basílio da Luz para tê-la como amante. Lina de Val-Flor, contudo, revelaria um segredo do passado do jogador, que impossibilitaria sua relação com Adélia, e essa, pressionada, acabaria cedendo à insistência do industrial nortista. O autor imaginava concluir a história com a morte de Baltazar, de acordo com o plano datiloscrito, e previa, ainda, a morte de Lina, em uma cena que chegou a ser escrita por ele e que consta dos fragmentos finais da novela.

Tendo trabalhado em *Baltazar* provavelmente nos anos de 1948 e/ou 1949, Lúcio parece ter abandonado a redação da obra sem tê-la ultimado de fato. André Seffrin, responsável pela organização e apresentação dos fragmentos reproduzidos, afirma acreditar, na nota precedente ao texto, que uma parte desse se perdeu. O extravio de uma parcela dos originais e a desistência do escritor em levar a bom termo o ciclo merecem, sem dúvida, ser lamentados.

Entre outros fatores, isso se deve àquilo que a trilogia sugere dos processos criativos e das obsessões de Lúcio Cardoso, ao lançar luz sobre determinados aspectos de sua produção. Como bem observou Mario Carelli em *Corcel de fogo*, a eleição dos vários narradores-protagonistas, que se revezam na tarefa de relatar a história, "prepara diretamente a técnica narrativa adotada em *Crônica da casa assassinada*, graças aos múltiplos testemunhos em primeira pessoa que permitem conjugar as diversas visões de uma mesma realidade" (CARELLI, 1988. p. 135). Considerando, ainda, o enredo do romance de 1959, talvez seja o caso de indagar, embora somente como conjectura, que motivo o ficcionista havia idealizado para impedir a paixão entre Adélia e Baltazar. Por que, como deixam entrever os planos que restaram da novela, Adélia entra em desespero após conhecer o segredo que Lina revela? E por que, também, ela sente remorso depois uma "desesperada cena de amor" com Baltazar, como se lê nesses mesmos planos? Existiria algum laço de consangüinidade entre eles? Pretenderia Lúcio tematizar uma relação incestuosa?

Suposições à parte, a leitura das três novelas de *O mundo sem Deus* propicia o contato com uma faceta menos conhecida de Lúcio Cardoso, lembrado, em geral, pelo caráter visceralmente "mineiro" de sua obra. Nessa, Minas Gerais e o Rio de Janeiro conviveriam, no entanto, sem conflitos, tendo o autor se provado capaz de retratar os dois pólos, seus seres e paisagens, com igual fidelidade. Boêmio inveterado, que percorria sem cessar os mais variados bares e botequins, Lúcio foi, sobretudo durante os anos 40, freqüentador da Lapa, onde costumava ir ao "Túnel" e ao "49". O poeta Marcos Konder Reis, em um prefácio a uma reedição das novelas do amigo, conta como, na época da redação dessas, ele circulava pelas ruas à noite, movido "por uma lucidez que lhe parecia fazer abandonar, uma vez mais, uma estação do inferno" (REIS, 1969. p. 11), peregrinando pelos locais sórdidos e imundos em que ambientaria a ação desses livros.

O próprio Lúcio, no texto que preparou para figurar na coletânea *10 romancistas falam de seus personagens*, ao tratar da gênese do protagonista Inácio, narra como percebeu ser a Lapa o lugar ideal para receber o tipo que havia concebido:

Inácio é um espírito eminentemente suburbano. Durante muito tempo, se bem que já o conhecesse e já o tivesse visto em bondes e ônibus, lutei para conseguir localizá-lo. Vila Isabel, Madureira, o Méier, foram durante meses os cenários eleitos para a narrativa que eu planejava. Parecia-me fácil perceber Inácio no "bulevar" 28 de Setembro, entre jovens discutindo partidas de sinuca e mocinhas gritantemente na

moda. Mas não sei por quê, indo certa noite à Lapa, compreendi que ali era o reduto ideal dos Inácios. Frequentadores do desaparecido "Mère Louise", esses impenitentes solteirões que tantas noites fizeram no "Assírio", jogadores profissionais, jogadores de bicho, prostitutas, gente sem ocupação definida, todo aquele mundo misterioso e fácil me pareceu instantaneamente o cenário ideal para localizar o meu personagem. (CARDOSO, 1946. p. 56).

Composta em apenas quatro dias, de acordo com o escritor no texto acima citado, a novela *Inácio* não esgotaria as possibilidades do personagem, que ressurgiria nas outras duas narrativas do ciclo. Nelas, principalmente em *O enfeitado*, o novelista ampliaria um pouco o alcance de seu olhar, fazendo suas criaturas perambularem, ainda, pelo centro, pela Gamboa, pela Saúde e pelo Méier, onde residia a cartomante Lina de Val-Flor. Em *Baltazar*, Adélia se movimentaria, também, pelo centro e por outros bairros do Rio de Janeiro, mas regressaria sempre à Lapa, à Lapa em que ela, como mercadora do amor, "triste rebotalho das calçadas" (CARDOSO, 2002. p. 285), era obrigada a morar.

Como explica Luís Martins, porém, em uma das passagens de seu livro de memórias, depois de ter relembrado o que acontecera com seu romance *Lapa*, lançado em 1936 e tido como subversivo pela censura do governo Vargas,

A Lapa não era, como foi o Mangue, uma zona exclusivamente ocupada pelo meretrício. Este era, sem dúvida, um dos seus aspectos, mas é preciso que se esclareça: a sua face oculta, o seu lado secreto, a sua parte reservada e mais ou menos dissimulada em ruas periféricas que poderiam ser consideradas como o "subúrbio" da Lapa.

O melhor será dizer que havia duas Lapas: a pública, a evidente, a urbana, com o seu comércio, as suas lojas, os seus restaurantes, os seus bares, os seus cabarés, intensamente iluminada e com um grande trânsito de veículos; e a outra, secreta, escondida, suburbana, insinuando-se pelas ruelas escuras na encosta do morro de Santa Teresa — Conde de Lage, Taylor, Joaquim Silva. Aí ficavam as "pensões", isto é, os alcouces ou conventilhos, uns pegados aos outros, ocupando toda a extensão da rua (como na Conde de Lage) ou intermitentes, disseminados entre casas de comércio, depósitos ou oficinas, como acontecia na rua Joaquim Silva. (MARTINS, 1964. p. 140-141)

Na visão de Adélia, entretanto, manchada pelo estigma da prostituição, o que prevalece é a imagem da Lapa como um espaço odioso, onde mulheres como ela, sem perspectiva e com o futuro arruinado, transitavam junto a "um triste rebanho à cata de prazeres" (CARDOSO, 2002. p. 289), convivendo com "toda essa fauna deserdada e insone que frequenta os bares boêmios" (CARDOSO, 2002. p. 320). É desse universo que não consegue libertar-se por meio da tentativa de suicídio e para o qual retorna após sair do hospital, defrontando-se com sua casa e tudo o que essa representava:

Oh, essas fachadas escuras e mortas, com esses gradis empoeirados, essas longas escadas conduzindo aos quartos superiores, como eu as detestava, com seu odor de mofo e de comida, com seu intraduzível aspecto de celas vazias e decepções acumuladas! E eu, que tinha julgado me ver livre para sempre dessa paisagem odiosa, desses gritos de vendedores ambulantes, desses bondes e dessa gente anônima e sem alma que durante o dia inteiro se acotovelava naqueles quarteirões! Estaria então condenada a viver ali para o resto da minha existência, não haveria nenhuma possibilidade de fuga, nada? Tonta, caminhei mais alguns passos, abri a porta. No alto, por cima dos Arcos que conduziam à Santa Teresa, um bonde resvalou, demorado e plangente. Voltei-me, e o bafo detestável da casa me ganhou inteira, trazendo a memória de dias esquecidos há muito, cenas vividas ali, desesperos meus, cuja sombra ainda parecia se concentrar contra os vãos escuros. As lágrimas, em borboletões, saltaram dos meus olhos: e um instante, apoiada ao trêmulo corrimão, chorei,

sem coragem para galgar os degraus sujos e carcomidos. (CARDOSO, 2002. p. 305).

O caráter infernal assumido pela Lapa no trecho reproduzido — lugar de sofrimento e de condenação para Adélia, de coexistência forçada com gente mesquinha e sem alma — deveria ser enfatizado ao longo da novela, em coerência com o propósito de Lúcio de criação desse "mundo sem Deus". O abandono do processo de elaboração de *Baltazar* impediu, contudo, o pleno desenvolvimento desse aspecto, embora não impeça o leitor de reconhecer a importância que a representação do espaço exerce para o sucesso dessa trilogia.

Ultrapassando a dimensão de mero pano de fundo para a narrativa, significando muito mais do que um cenário para os conflitos e dramas de Inácio, Rogério, Adélia, Baltazar e dos outros, a cidade do Rio de Janeiro adquire nesses livros o estatuto de personagem de Lúcio Cardoso, perfeitamente integrada ao destino dos seres que abriga. Mesmo incompleto, o ciclo constitui, portanto, um momento feliz — ainda que pouco conhecido — da carreira literária do autor mineiro.

Referências Bibliográficas

- [1] CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*. 2. ed. Rio de Janeiro : Expressão e Cultura/INL, 1971.
- [2] CARDOSO, Lúcio. *Inácio, O enfeitado e Baltazar*. Prefácio e organização de André Seffrin. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2002.
- [3] CARELLI, Mario, *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.
- [4] REIS, Marcos Konder. A terceira pessoa. In: CARDOSO, Lúcio. *Três histórias da cidade*. 2. ed. Rio de Janeiro : Bloch, 1969, p. 11-16.
- [5] CARDOSO, Lúcio. Inácio. In: *10 romancistas falam de seus personagens*. Rio de Janeiro : Edições Condé, 1946, p. 55-57.
- [6] MARTINS, Luís. *Noturno da Lapa*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1964.

Autora

¹ **Profª Drª Cássia dos SANTOS**

Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (METROCAMP)

E-mail: cassia23@gmail.com